

3. A mestiçagem na pintura na América colonial no século XVI

Camila Maia e Nirvana Bittar¹

Resumo

Durante o fim do período Renascentista, nas Américas a mestiçagem no século XVI invadiu vários campos de manifestação cultural. Indo desde as pinturas, à música e passando pelo teatro. Os nobres indígenas se viram na condição de copistas das obras europeias com o intuito de difundir o imaginário cristão e a contraponto com a resistência indígena. Os americanos, através da técnica que consistia em observar e reinterpretar deram vida a um novo estilo do Renascimento indígena na América latina. Dessa confluência de hispânicos e índios surgiu um hibridismo dentro da pintura do Novo Mundo, que seu deu de maneira violenta e impositiva.

Palavras – chave: *Mestiçagem, Indígena, Ocidentalismo, Renascimento, Resistência*

¹ Graduandas do curso de História do Centro Universitário de Brasília (UniCeub).

Introdução

A chegada espanhola na América esbarra em atos de alteridade e tentativas de imposição da ideologia e um modo de vida espanhol sobre as dos Nativos. Porém, a construção da identidade do que hoje conhecemos como latino-americano, não está pautada em um processo de aculturação, mas sim, em um processo complexo de hibridismo cultural.

Tal processo e complexidade se estende por todos os territórios colonizados pelas massas europeias. A chegada desses povos confrontou de forma direta com o imaginário indígena, com a imposição das ideias do Ocidente sobre esse imaginário e os corpos desses homens e mulheres. Sobre esse confronto de ideias Gruzinski reflete:

Esta empresa de dominación universal, cuya extrema complejidad empieza ahora a comprenderse mejor, se enfocó al sometimiento de los cuerpos y los imaginários. Explotó sobre todos los recursos de la imagen occidental para hacer posible y después dar forma a uma sociedade colonial. (1999, P.498)

O conflito travado entre essas duas partes permeia diferentes áreas políticas e culturais da nova sociedade que se formará a partir desse encontro, a princípio como colônia, e que se mantém visível até a atualidade. Os historiadores, Almeida e Amaral, tratam como esse choque e hibridismo das culturas se procede:

A passagem de uma sociedade fractal a uma sociedade colonial não ocorreu apenas pela aplicação de planos de dominação nem pela habilidade política. As várias maneiras de organizar a desordem ocorreram em um pano de fundo de inúmeros processos de cruzamentos culturais e biológicos. Para se adaptarem ou sobreviverem, os espanhóis e os índios foram impelidos a formar novos modos de convivência e de comportamento que eram o resultado da combinação, justaposição ou adição, de fatores presentes nas culturas espanhola e indígena. A junção de elementos distintos fez com que os vários fatores fossem ressignificados. Assim, ocorreu uma forte e rápida mutação mental, que é uma resposta adaptativa à desordem gerada pela conquista e aos projetos de ocidentalizar a América. (ALMEIDA, AMARAL, s/d).

Assim, a Conquista, por muitas vezes foi a tentativa plena de imposição da cultura do Ocidente. Atos que objetivavam findar com qualquer resquício da cultura nativa, eram frequentes, porém, do encontro do europeu e desses nativos surge o que

Gruzinski denomina como mestiçagem.² Dessa forma, no presente artigo visamos abordar sobre esse processo, que é de suma importância na construção da identidade moderna dos latinos americanos, focando em um setor cultural pouco abordado, porém, que apresentou sua importância no período da colonização: a pintura.

Isso posto, este trabalho se constitui de três partes, sendo dividido da seguinte maneira. Primeira parte Mestiçagem e Ocidentalização. Segunda parte, A construção do Novo Mundo, Evangelização e a Pintura. Terceira parte O hibridismo das imagens. E por fim uma conclusão.

Mestiçagem e Ocidentalização

Se demonstra imprescindível um aprofundamento do estudo sobre mestiçagem, no conceito moderno, podemos usar a fala do antropólogo Zarur para explicar:

Mestiçagem é sinônimo de miscigenação, de “mistura de raças”. Haveria, por isso, um problema lógico com esse conceito, pois para que haja a mistura pressupõe-se que existam “raças”. Como raças humanas são uma ficção para muitos cientistas, sem raças não haveria o mestiço. Porém, pode-se contra - argumentar que o mestiço existe, se apenas ele existe. Nesta visão não existem “raças”, mas uma única espécie humana, o próprio mestiço, resultante da mistura dos homens mais diversos. Assim, a mestiçagem resulta da mistura biológica de famílias, comunidades e pessoas diferentes e não de raças. A mestiçagem deve ser considerada uma metáfora que exprime a unidade humana. Mestiçagem é, portanto, a metáfora biológica para fraternidade. Já a semântica de “raça” divide e hierarquiza os seres humanos. Raça é um conceito nascido para o ódio e para a opressão. (ZARUR, 2009).

No processo de mestiçagem os primeiros emigrantes eram europeus, em sua maioria funcionários, comerciantes e soldados. Por estarem fora do controle da Igreja e do clero, agiram de forma brutal e violenta sobre os nativos americanos, em especial, as índias. Dessas relações violentas e nascimento de filhos ilegítimos geraram um novo

²“A mistura dos seres humanos e dos imaginários é chamado de mestiçagem”. Gruzinski(2001, p.42)

tipo de população indefinido e marginalizado, não eram nem indígenas e nem espanhóis, eram os mestiços.

Diante desse quadro conturbado desenvolveu-se a consolidação do ocidentalismo, tornando-se assim, indígenas e conquistadores indissociáveis. Na abordagem de Dussel, aquele que é dominado, oprimido, passa a ser tomado como aquele que se mostra como “mistério”, como inferior e até mesmo de maneira oculta e quase inexistente. Deste modo, a humanidade do outro só foi possível quando integrada à cultura do "outro", à européia. " ...uma nova visão mundial da Modernidade, o que nos descobrirá não só o seu "conceito" emancipador (que é preciso subsumir), mas igualmente o "mito vitimário e destruidor, de um europeísmo que se fundamenta numa "falácia eurocêntrica" e "desenvolvimentista".(Dussel, 1993, p.24)

Esse ocidentalismo envolve também a imposição do cristianismo, a caça de deuses pagãos, das antigas divindades, a destruição de templos e ídolos, tudo em prol de um Deus único e cristão. Os antigos deuses foram demonizados e a necessidade de evangelizar os indígenas se tornava cada vez mais necessária. O europeu que na América chegava, tinha em seu imaginário o mundo renascentista, a construção das cidades surge da relação hispano-indígena, medievo-renascentista, assim como, a composição de sua nova população.

A construção do Novo Mundo, Evangelização e a Pintura

A edificação das novas cidades ocorreu sobre os antigos templos e antigas construções indígenas, exemplo disso é a cidade de Cuzco. Bayón, elucida um pouco da disposição das cidade colônias:

Todavia, a arquitetura “religiosa” não consistia apenas de catedrais, igrejas e capelas, mas também de hospitais, colégios, universidades e outras instituições que, na sociedade colonial, eram responsabilidade da Igreja, além das propriedades e dos edifícios da missão. E, à medida que cresciam os recursos financeiros da Igreja, sua riqueza era expressa no tamanho e no esplendor crescentes de suas construções. O poder civil aprazia-se com a existência de edifícios públicos tipicamente espanhóis, com uma aparência geral positivamente espartana em comparação com as estruturas relativamente

exuberantes, ecléticas no estilo, do onipresente sistema religioso estabelecido. Quanto à arquitetura doméstica, era muito menos pretenciosa e recebia influência mormente do estilo espanhol puro, sulista (mediterrânico) ou nortista. (1999, p.643)

Diante disso, é possível analisar o surgimento de uma infraestrutura europeia e renascentista, que como afirma Gruzinski em seu livro “O Pensamento Mestiço”, era uma cópia do velho mundo. A criação das universidades, as gigantescas catedrais, igrejas e capelas e hospitais, da Nova Espanha e do restante do continente americano seguem o estilo ostentoso da Europa.

Entre a pressa de evangelização e da construção das estruturas da nova cidade, eis que surge a pintura. Os estudos que tratam sobre a importância da pintura como forma de dominação do imaginário indígena, e também, como essa se apresenta como uma forma de resistência cultural indígena, são escassas. A historiografia da arte na América Latina, não apenas no período colonial, é pouca e superficial, quando em alguns poucos casos se aborda sobre o assunto é apenas sobre uma ótica eurocêntrica. No caso da arte colonial, os mestres italianos e espanhóis são exaltados e comentados, já os indígenas que muito dessas obras reproduziram, não são tão tratados ou têm o seu devido reconhecimento. Por motivos pouco conhecidos, não se é possível saber o que leva a falta de pesquisa sobre a pintura, muito limitada apenas ao campo das artes plásticas. Gruzinski (2001) dá uma luz para a possível escassez e aprofundamento dos estudos, para os historiadores da arte é como se a arte mestiça indígena não tivesse o mesmo prestígio por não ser do período renascentista de fato e nem pertencer a uma arte pré-colombiana pura. Assim, mesmo existindo uma gama de obras que esclarecem o passado mestiço, essas são limitadas apenas as partes das curiosidades ou são totalmente esquecidas.

Entre as poucas fontes encontradas, todas associam a tentativa de evangelização com a reprodução das pinturas, já que essa é a forma que se apresentou mais viável na educação religiosa e dos hábitos europeus do que a educação verbal. A dificuldade de compreensão e comunicação entre duas línguas tão distintas dificultava essa educação, assim, em primeira ordem a pintura será usada como um recurso didático. O historiador Bayón (1999, P.656) discorre um pouco desse acontecimento: “Houve no século XVI urgente necessidade de produzir rapidamente figuras pintadas,

para que se pudesse ensinar aos índios o cristianismo e a cultura europeia por meio de imagens adequadas”.

Essa “sede” por acabar com a religião dos locais e a pressa de se ensinar a nova religião foi bem explicada por Almeida e Amaral:

Na Nova Espanha [e no restante das colônias espanholas], antes de a imagem cristã ser veiculada, houve a eliminação de todas as imagens indígenas. A imposição da imagem cristã e a destruição das representações indígenas foram modos de continuar e de consolidar a conquista. A imposição da imagem cristã era a imposição da religião cristã, isto é, de seus dogmas, de sua história, de sua iconografia e de seu simbolismo.

(<http://revistatempodeconquista.com.br/documents/RTC9/CLINIOAMARALEANACZROLINAALMEIDA.pdf>. Acesso em: 27/06/14)

A disseminação da imagem ocidental serviu para reproduzir nos territórios recém-conquistados elementos fundamentais do cenário visual e dos imaginários europeu, as imagens eram uma luta contra a idolatria e uma reafirmação da evangelização cristã.

O hibridismo das imagens

Junto com esses dois elementos (a ocidentalização e a evangelização) há um terceiro elemento importante sobre a imagem e a pintura: a ressignificação dos critérios estilísticos do novo mundo. Não existindo nas Américas uma arte que se assemelhasse com a conhecida pelo homem renascentista europeu, houve a necessidade de se trazer os mestres espanhóis e italianos para a produção dos quadros, afrescos, pinturas, imagens e iconografias, para que pudessem reproduzir todos os estilos, estética e linguagem europeia nas paredes das novas construções. Porém essa necessidade se apresentava em todo o continente, frente ao escasso contingente para a produção dessa tarefa em todas as localidades.

Diante disso, a solução encontrada foi a utilização da mão de obra indígena, mais especificamente dos nobres indígenas na produção das imagens, que se deu através da observação, copia e reinterpretação. Segundo Gruzinski:

Reproduzir o Ocidente era também reproduzir suas técnicas. Tal projeto acompanhou desde sempre os progressos da evangelização, pois a cristianização concebida nos moldes do Renascimento supunha importar um modo de vida Ocidental. Assim, as exigências do clero e as necessidades dos conquistadores implicavam uma transferência de técnicas para a população indígena. As condições dessa transferência e aprendizagem distinguem-se pela parte crescente da iniciativa indígena e qualidade da cópia indígena. (2001, p.101):

A cópia dessas obras não se dava de forma pura e muito menos se tratava de uma tentativa de se reproduzir exatamente da mesma forma que a vontade europeia desejava. Os letrados indígenas, ao longo do século XVI mantivera o conhecimento de sua herança pagã, e integraram-na em suas reflexões e afrescos. Adaptaram motivos clássicos europeus às cenas indígenas.

Deve-se ressaltar que os mestres espanhóis e italianos que vieram para o novo mundo eram artistas de escolas de artes europeias, homens que estudaram e dedicaram suas carreiras as melhores escolas de artes da Europa, isso inclui anos de complexos estudos de anatomia, volume, contraste, toda uma gama de técnicas para uma perfeita execução de pinturas que seguem uma linha de elaboração e exigência. Os índios que reproduziram as obras na América, não apenas na pintura, mas na escultura também, não são possuidores desse conhecimento e técnicas como os mestres europeus. Os nativos americanos aprenderam a realizar as obras a partir da observação e da cópia de iconografias já existentes. A capacidade de mimetismo indígena surpreende:

O ritmo de adaptação surpreende tanto quanto seus aspectos voluntaristas, já que os artesões indígenas mais expostos às pressões dos invasores se apropriaram, sempre que tiveram a possibilidade, das técnicas europeias, e muitas vezes superaram em habilidade os mestres espanhóis. (idem, idem, idem)

Porém a falta de técnica em algumas obras é compreensível, e em certos casos se torna em diferencial da arte do local, como é o caso da Igreja da Companhia de Jesus em Cusco.

A mestiçagem na pintura incorpora em primeiro plano o mundo europeu, entre as frestas podemos ver a realidade do mundo do indígena e do mestiço. Entre motivos

religiosos e santos há presença do imaginário indígena e ao mesmo tempo a luta contra as idolatrias. Nas igrejas mexicanas as representações chegam a surpreender, cenas sacras pintadas de forma incomparável e chegando parecer um pouco assustadora estarem presentes em paredes de um local considerada como a “casa do Senhor”, índios em seus trajes em batalhas sangrentas. Até mesmo em obras que foram reproduzidas a partir de existentes têm símbolos e sinais do mundo indígena. Um exemplo disso está em muitas obras da Igreja da Companhia de Jesus em Cusco, em meio as obras aparecem a serpente, a puma e o condor, esses três animais que eram considerados sagrados para os Incas. E no lugar dos cavalos a presença das llamas é frequente.

Ao mesmo tempo que vemos esses sinais tão indígenas, encontramos o choque com o combate as idolatrias, um exemplo disso é a obra de Riño “Camino al Cielo y Camino al Infierno”. A presença de monstros, demônios e fogo no caminho ao inferno é uma explicita referencia as idolatrias, era um sinal: aqueles que permanecerem idolatras, o inferno seria o destino.

Como os indígenas não eram conhecedores dos estilos exatos das escolas artísticas, aos poucos a incorporação símbolos tipicamente regionais, como por exemplo, a mudança das paisagens em segundo plano e o acréscimo de elementos como animais e plantas da região, fazem com que cada parte da América comece a possuir estilos próprios e característicos. Bayón (1999) é um de dos poucos historiadores que podemos citar que estudada a fundo o estilo da pintura em cada região.

Conclusão

Todos esses símbolos incorporados na arte, por mais que muitas vezes passassem despercebidos, formam um tipo de resistência cultural indígena. Se existia essa pressão europeia para a reprodução da arte do Velho Mundo, o indígena soube como utilizar-se disso como forma de manter a sua cultura viva e presente. Amaral e Almeida apontam os conflitos da vida cultural e que existia na arte: “Assim, a realidade colonial impôs a imitação. Na verdade, os índios agiam de modo a imitar os europeus. Os índios, quanto mais conseguissem dominar a arte de representar, mais espaços conseguiam para manter a sua cultura.”

Tal manutenção é notável na arte, porque o olhar rápido e despercebido às pinturas e afrescos, leva a crer que se trata da copia do estilo europeu. Porém, analisando-as vemos

que essa arte latino americana, nada mais é do que um hibridismo. Assim, os indígenas em sua “arte de representar” os modos europeus, souberam manter seus estilos e culturas, deixando suas marcas e registros.

A arte na América Latina é um reflexo daquilo que as sociedades que foram colonizadas são hoje: não são apenas europeias ou apenas nativas americanas, é um hibridismo de culturas. Desse choque de culturas (que posteriormente terá também as matrizes africanas) surge a mestiçagem, sendo essa a identidade cultural da América Latina. Essa América que após ter sido colonizada e construída a partir de culturas diferentes será futuramente negada por seus antigos colonizadores. Negada em seu nome e negada em suas origens, assim finaliza-se esse artigo com a fala de Bruit sobre essa marginalização que sempre existiu na América Latina:

De fato, o nome próprio que designaria o Novo Mundo, América, colocado na parte sul do continente no famoso mapa de Martin Waldseemuller de 1507, logo passaria a nomear também a parte norte. [...] Com a doutrina Monroe, esse nome [América] de tanto sucesso passou a designar o país do norte, enquanto que a primeira América, a de Colombo, Cabral, Vespuccio e Moctezuma, passou a ser chamada de América Latina marginalizando as populações indígenas e negras. E este novo nome, também teve muito sucesso não obstante as resistências da Espanha que no fundo sempre se sentiu mais visigótica, fenícia, vândala, moura e judia, que latina.

(http://www.uss.br/pages/revistas/revistaMestradoHistoria/v5n12003/pdf/005-v5_2003.pdf. Acesso em: 27/06/14.)

BIBLIOGRAFIA:

ALMEIDA, Ana Carolina Lima; AMARAL, Clinio de Oliveira. *Colonização, evangelização e resistência indígena na América Espanhola: um breve balanço historiográfico*. Disponível

em:http://revistatempodeconquista.com.br/documents/RTC9/CLINIOAMARALEANA_CZROLINAALMEIDA.pdf. Acesso em: 27/06/14

BAYON, Damián. A arquitetura e a arte da América espanhola colonial. In: BETHELL, Leslie. *História da América Latina: A América Latina Colonial*, Vol. II. São Paulo:

Editora da Universidade de São Paulo; Brasília, DF: Fundação Alexandre de Gusmão, 1999.

BRUIT, Héctor H. *A Invenção da América Latina*. Disponível em: http://www.uss.br/pages/revistas/revistaMestradoHistoria/v5n12003/pdf/005-v5_2003.pdf. Acesso em: 27/06/14.

CAMPBELL, Aida Balta. *El sincretismo en la pintura de la Escuela Cuzqueña*. Disponível em: <http://www.fcctp.usmp.edu.pe/cultura/imagenes/pdf/sincretismo.pdf>. Acesso em 27/06/14

DUSSEL, Enrique 1492: *O encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade*. Conferencias de Frankfurt, Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ZARUR, George. *A guerra da identidade: Raça e mestiçagem no pensamento-latino americano*. 2009. Disponível em: < <http://www.georgezarur.com.br/artigos/166/a-guerra-da-identidade-raca-e-mesticagem-no-pensamento-latino-americano>>. Acesso em: 27/06/14